

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E CLÍNICA

GLAUCIONE GOMES DE S. BONIFÁCIO

**A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES AFETIVAS NO ATENDIMENTO
PSICOPEDAGÓGICO DE UMA DIFICULDADE NA APRENDIZAGEM DO
RACIOCÍNIO LÓGICO MATEMÁTICO**

ANÁPOLIS
2019

GLAUCIONE GOMES DE S. BONIFÁCIO

**A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES AFETIVAS NO ATENDIMENTO
PSICOPEDAGÓGICO DE UMA DIFICULDADE NA APRENDIZAGEM DO
RACIOCÍNIO LÓGICO MATEMÁTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação da Faculdade Católica de Anápolis
para obtenção do título de Especialista em
Psicopedagogia Institucional e Clínica sob a
orientação Professora Especialista Vânia Santos do
Carmo

ANÁPOLIS
2019

FOLHA DE APROVAÇÃO

GLAUCIONE GOMES DE S. BONIFÁCIO

A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES AFETIVAS NO ATENDIMENTO
PSICOPEDAGÓGICO DE UMA DIFICULDADE NA APRENDIZAGEM DO
RACIOCÍNIO LÓGICO MATEMÁTICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
coordenação do Curso de Especialização em
Psicopedagogia Clínica e Institucional da
Faculdade Católica de Anápolis como requisito
para obtenção do Título de Especialista.

Data da aprovação: ____/____/____. Nota: ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Esp. Vânia Santos do Carmo
ORIENTADORA

Prof.^a Esp. Aracely Rodrigues Loures Rangel
CONVIDADA

Prof.^a Ma. Evelyn A. Silveira
CONVIDADA

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma avaliação diagnóstica psicopedagógica realizada com o aprendiz V.R., um adolescente de 15 anos de idade, que cursa o 9º ano do Ensino Fundamental II e possui questões de ordem de caráter afetivo, e funcional, laudado com diagnóstico de F70 (deficiência intelectual leve) CID-F80.1 (transtorno expressivo de linguagem) e por esse motivo necessita de acompanhamento psicopedagógico e psicológico. A queixa relatada pela escola é que o aluno não consegue acompanhar a turma, se distrai com facilidade, ansioso, tem dificuldades de concentração, grandes dificuldades em matemática, não aceita a professora de apoio, e se sente envergonhado por necessitar de auxílio. Quer ser tratado como os outros alunos, mas necessita de acompanhamento específico principalmente na disciplina que exige raciocínio lógico matemático. Os dados coletados para a intervenção psicopedagógica, foram obtidos por meio de várias sessões, tendo por base os instrumentos próprios da psicopedagogia: provas projetivas, provas operatórias de Piaget, questionário de anamnese, provas pedagógicas, entrevista com a professora, entrevistas com o pai e EOCA. Os resultados encontrados apontam Obstáculo Epistemofílico de caráter afetivo, decorrente, possivelmente do seu transtorno específico da linguagem, inconscientemente V.R. adota condutas defensivas para se proteger que acabam por dificultar sua aprendizagem.

Palavras-chaves: Avaliação Psicopedagógica. Dificuldade raciocínio lógico matemático. Gagueira. Condutas defensivas. Obstáculo Afetivo.

ABSTRACT

This work is the result of a psychopedagogical diagnostic evaluation, performed with the learner V.R., a teenage boy of 15 years of age, which is the 9° year of Basic Education II and has questions of order of character affective, cognitive and functional, laudado with diagnosis of F70 (intellectual disabilities) CID-F80.1 (expressive language disorder) and for this reason requires follow-psycho and psychological. The complaint reported by the school is that the student cannot keep up with the class, is distracted with ease, anxious, has difficulties in concentration, great difficulties in mathematics, does not accept the teacher support, and feel embarrassed by needing aid. Wants to be treated like the other students, but requires specific monitoring mainly in the discipline that requires mathematical logic. The data collected for the psychopedagogical intervention, were obtained by means of multiple sessions, taking as a basis the following instruments themselves objects of the psychopedagogy: Projective tests, evidence complications of Piaget, questionnaire of anamnesis, pedagogical evidence, interview with the teacher, interviews with the Father and EOCA. The results show an Epistemological Obstacle of affective character, possibly due to their specific language disorder, V.R. unknowingly adopts defensive behaviors to protect themselves that end up hindering their learning.

Keywords: Psychopedagogical Evaluation. Difficulty mathematical logical reasoning. Stuttering. Defensive conduct. Affective obstacle.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 8 |
| 2 PSICOPEDAGOGIA | 9 |
| 2.1 DEFICIÊNCIA INTELECTUAL | 11 |
| 2.2 AFETIVIDADE E O RACIOCÍNIO LÓGICO MATEMÁTICO..... | 11 |
| 2.3 TRANSTORNO DA FLUÊNCIA GAGUEIRA..... | 14 |
| 3 METODOLOGIA | 16 |
| 4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS | 18 |
| 4.1 ENTREVISTA OPERATIVA CENTRADA NA APRENDIZAGEM - EOCA..... | 19 |
| 4.2 PROVAS PROJETIVAS | 20 |
| 4.3 PROVAS PEDAGÓGICAS..... | 23 |
| 4.4 PROVAS OPERATÓRIAS | 24 |
| 4.4.1 Aplicação da seriação de palitos..... | 25 |
| 4.4.2 Testes operatórios de dimensões | 26 |
| 4.5 ANAMNESE | 28 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 29 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 30 |
| ANEXOS | 32 |
| ANEXO A - INFORME PSICOPEDAGÓGICO | 32 |
| ANEXO B - DECLARAÇÃO | 37 |
| ANEXO C - ENCAMINHAMENTO | 38 |
| ANEXO D - TERMO DE CONSENTIMENTO..... | 39 |
| ANEXO E - CONTROLE DE FREQUENCIA..... | 40 |
| ANEXO F - FICHA DE FREQUENCIA | 42 |
| ANEXO G - TERMO DE COMPROMISSO DO ESTAGIÁRIO..... | 43 |
| ANEXO H – OBSERVAÇÃO DE CAMPO..... | 44 |

| | |
|--|----|
| ANEXO I - EOCA | 46 |
| ANEXO J - ANAMNESE | 50 |
| ANEXO K – PROVA BIDIMENSIONAL..... | 56 |
| ANEXO L – PROVA PROJETIVA – PLANTA DA CASA..... | 57 |
| ANEXO M – PLANTA DA SALA DE AULA | 58 |
| ANEXO N – PAR EDUCATIVO – EU E MEUS COLEGAS..... | 59 |
| ANEXO O – ENSINANDO E APRENDENDO | 60 |
| ANEXO P – DESENHO LIVRE | 61 |
| ANEXO Q – FAMÍLIA EDUCATIVA | 62 |

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho foi realizado com o intuito de apresentar os resultados do diagnóstico psicopedagógico na área clínica, com o tema “ A importância das relações afetivas no atendimento psicopedagógico de uma dificuldade na aprendizagem do raciocínio lógico matemático”, realizado com o aprendente V.R de 15 anos de idade, com problemas de origem afetiva e funcional que, no momento, comprometem a aprendizagem do aluno. A pesquisa foi realizada em um Colégio Estadual de Anápolis.

Este artigo tem o objetivo de investigar os possíveis obstáculos que estavam interferindo em sua aprendizagem, nas dimensões: afetiva, funcional, cognitiva e cultural, com o intuito de poder ajudá-lo a melhorar em suas dificuldades.

Se justifica pela necessidade de superar dificuldades encontradas no aprendente de caráter afetivo, para que a escola cumpra o seu papel de socializar e consiga promover um desenvolvimento cognitivo do aprendente e a realização do professor.

A metodologia utilizada foi qualitativa e de procedimentos, estudo de caso. Foram utilizados os instrumentos de pesquisa: observação de campo, entrevistas, provas projetivas, pedagógicas, operatórias e entrevista anamnese.

No referencial teórico apresenta: A psicopedagogia, A deficiência intelectual, Afetividade e o raciocínio lógico matemático, Transtorno da fluência gagueira, em seguida encontra-se Metodologia, Apresentação, Análise e discussão dos dados, Considerações finais, Referências e Anexos.

2 PSICOPEDAGOGIA

A psicopedagogia teve seu marco inicial na França, no começo do século XIX quando a medicina, psicologia e psicanálise se uniram a fim de atenderem as crianças que apresentavam dificuldades de comportamento, na escola ou na família. Surgiu de uma necessidade de compreender melhor o processo de aprendizagem, notando-se a necessidade de buscar conhecimentos em outros campos, tais como: a psicologia e sociologia criando então seu próprio objeto de estudo (BOSSA, 2000).

Em nosso país, Brasil, foi regulamentada pelo Ministério da Educação (MEC) em cursos de pós-graduação e especialização, na década de 70. A formação de psicopedagogo já vem ocorrendo em várias universidades brasileiras. Relatado por Bossa (2007):

Esses cursos tratavam de temas como —a criança-problema em classe comum, dificuldades escolares, —pedagogia terapêutica, —problemas de aprendizagem escolar. Eram oferecidos a psicólogos e profissionais de área afins, em busca de subsídios para atuar junto às crianças que não respondiam às solicitações das escolas (BOSSA, 2007, p. 123)

Segundo Portilho et al. (2018) a psicopedagogia tem por objeto de estudo, a aprendizagem do ser humano, se tratando do social, emocional e cognitivo. O ser humano para chegar no nível da aprendizagem necessita pensar e agir. Sendo ao mesmo tempo objetivo e subjetivo, individual e coletivo dentro das suas sensações e conhecimentos, de ser e vir a ser, de saber e não saber.

O psicopedagogo trabalha a aprendizagem e suas intercorrências, podendo atuar com pessoas no individual ou em grupos (PORTILHO et al., 2018).

As atribuições do psicopedagogo de acordo com a Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp), em seu artigo 11º são:

- a. Manter-se atualizado quanto aos conhecimentos científicos e técnicos que tratem da aprendizagem humana;
- b. Desenvolver e manter relações profissionais pautadas pelo respeito, pela atitude crítica e pela cooperação com outros profissionais;
- c. Assumir as responsabilidades para as quais esteja preparado e nos parâmetros da competência psicopedagógica;
- d. Colaborar com o progresso da Psicopedagogia;
- e. Responsabilizar-se pelas intervenções feitas, fornece definição clara do seu parecer ao cliente e/ou aos seus responsáveis por meio de documento pertinente;
- f. Preservar a identidade do cliente nos relatos e discussões feitos a título de exemplos e estudos de casos;

- g. Manter o respeito e a dignidade na relação profissional para a harmonia da classe e a manutenção do conceito público (BOMBONATTO, 2008, p. 02)

De acordo com Visca (2013), as causas patológicas que dificultam a aprendizagem são três:

- O obstáculo epistêmico: Deriva do nível de operatividade da estrutura cognitiva alcançada. Ou seja, ninguém pode aprender para além do que sua estrutura cognitiva permite-lhe.
- O obstáculo epistemofílico: Deriva do vínculo afetivo que o sujeito estabelece com os objetos e as situações de aprendizagem. Tem por base adotar a ansiedade funcional, ansiedade esquizo-paranoide e ansiedade depressiva, as quais podem se apresentar, alternada ou coexistentemente.
- O obstáculo funcional: Passa por dois momentos, o primeiro uma hipótese auxiliar com o qual se tenta resolver transitoriamente duas situações – quando a teoria psicanalítica ou piagetiana não tenha apresentado um juízo sobre um determinado problema – quando havendo feito, não elaborou um instrumento de avaliação para o dito setor ou aspecto. O segundo momento de evolução do obstáculo funcional corresponde às diferenças funcionais encontradas.

Jorge Visca, sobre a Epistemologia convergente diz que:

[...] outra meta da Psicopedagogia, em geral, e da Epistemologia Convergente, em particular, é a de fundar núcleos de assistência, docência e investigação que socializem, democratizem e humanizem o nosso fazer psicopedagógico (VISCA, 1998, p. 32).

O autor ainda relata, que o nosso desafio é trazer à discussão um paradigma de conjugação, por meio do qual articula-se conhecimentos e compreensões através de diferentes leituras contribuindo assim para um melhor aprendizado, dependendo da história do aprendiz, do contexto existente e principalmente a relação dele com o mundo.

De acordo com Vinocur (1998) o diagnóstico psicopedagógico na escola é uma reformulação do modelo utilizado no consultório tendo a questão diferenciada por se aproveitar dos recursos que há nas instituições podendo auxiliar melhor devido os problemas vivenciados de aprendizagem. A proposta neste sentido é que o psicopedagogo se insira na sala de aula e realize o diagnóstico a partir dos elementos que surgem de uma observação minuciosa e contínua do desempenho cognitivo e dos aspectos relativos de como os alunos estabelecem um vínculo entre eles.

2.1 DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

A pessoa com deficiência intelectual apresenta diferentes condições de aprendizagem, portanto são diversos os fatores que interferem na funcionalidade estudantil, não é considerado incompetência generalizada, possui muitas capacidades e habilidades que permitem o seu desenvolvimento global.

A legislação brasileira tanto a Constituição Federal, quanto a Lei de Diretrizes e Bases - LDB 9.394/96, têm defendido a perspectiva da educação inclusiva apontando a importância das crianças com deficiência em se favorecerem dos processos comuns de ensino junto às crianças sem deficiência.

Assim, vale ressaltar o que diz a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva:

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva tem como objetivo assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir: acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior; oferta do atendimento educacional especializado; formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas (BRASIL, 2008, p. 14).

A Educação Especial passa ser entendida como sendo um processo educacional, definido de uma proposta pedagógica, que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar e suplementar os processos normativos.

2.2 AFETIVIDADE E O RACIOCÍNIO LÓGICO MATEMÁTICO

A relação intrínseca entre as demonstrações de afeto que ocorrem no processo de ensino, considerando que a boa relação do professor para com seus alunos é uma condição favorável a uma prática pedagógica agradável e satisfatória, de construção e de descobertas e de cumplicidades. E ainda aproximando as relações afetivas à aprendizagem a partir de uma condição emocional positiva, ocorrerá maior abertura para o ato de aprender.

Tendo em vista o aprendente deste estágio clínico, demonstrando obstáculo de caráter afetivo dificultando seu raciocínio lógico matemático encontramos nas teorias.

Segundo Vygotsky (2001), a emoção é a reação de alguns estímulos mediados no meio sociocultural, onde as emoções influenciam no desenvolvimento do comportamento humano, por isso, quando não há diálogo nas relações pessoais, ou se estes são desenvolvidos sem sentimentos, é despertado nos indivíduos comportamentos de autodefesa, de indiferença, de discordância, causando complexidade nessas relações, afastando seus sujeitos, causando desarmonia entre seus integrantes. Por essas e outras razões,

Se fazemos alguma coisa com alegria as reações emocionais de alegria não significam nada senão que vamos continuar tentando fazer a mesma coisa. Se fazemos algo com repulsa isso significa que no futuro procuraremos por todos os meios interromper essas ocupações. (VYGOTSKI, 2001, p. 139).

De acordo com Wallon (1975), através das emoções que cercam os indivíduos, os mesmos são envolvidos nas relações com nossos pares, parentes e até mesmo com aqueles que pouco temos uma relação de sentimentos, pois a afetividade se expressa nas mais simples relações, desde um olhar, um toque de dedos ou um abraço apertado, isto porque, o teórico faz alusão à inteligência, característica que manifesta-se na aprendizagem, de modo que os aspectos cognitivos são aguçados de diferentes maneiras, e uma delas, pela mudança de comportamento diante das emoções que sentimos.

Os teóricos Piaget e Vygotsky também tratam às relações afetivas como elementos motivadores de ensino e aprendizagem. Piaget se volta para a afetividade como condição para o desenvolvimento humano, que decorre das experiências sensório-motoras, numa abordagem orgânica evolutiva dos aspectos cognitivos. Levando em consideração o pensamento do autor, um possível método para abordar essa questão em sala de aula seria por meio de atividades nas quais os alunos pudessem interagir entre si e com o professor através de materiais pedagógicos e/ou jogos educativos.

Com relação a esta afetividade em sala de aula, Alves, Dantas e Oliveira (2017) juntamente com o que diz de Piaget (1973) dizem que:

No dia a dia da sala de aula, estudantes demonstram uma trama de emoções e sentimentos que a escola muitas vezes não tem levado em consideração, negando até mesmo a sua existência. Essa negação tem transformado a

educação em um dos meios mais repressores de emoções. Não valorizar a afetividade em sala de aula, é desconsiderar os aspectos sociais e humanos já que “[...] a afetividade constitui a energética das condutas, cujo aspecto cognitivo se refere apenas às estruturas. Não existe, portanto, nenhuma conduta, por mais intelectual que seja, que não comporte, na qualidade de móveis, fatores afetivos [...]” (ALVES; DANTAS; OLIVEIRA, 2017, p. 02-03).

A escola precisa reconhecer que seus alunos tem uma vida fora dali, onde muitos têm problemas familiares entre outros e isto envolvem o modo de aprender do aprendente na sua relação com o processo ensino aprendizagem.

Sobre o raciocínio lógico matemático, sabemos que a maneira como muitos professores ensinam a Matemática pode ser um agravante, pois a metodologia defasada contribui para que os alunos percam o interesse pelos conteúdos matemáticos. Sobre isso, Skovsmose (2001), sugere uma visão e reflexão crítica sobre a cultura e a diversidade, considerando as condições sociais que refletem nas relações interpessoais e conseqüentemente influenciam no ensino da matemática.

O que entende-se por crenças em matemática? Segundo Chacón (2003, p. 20), baseado na experiência, “as crenças matemáticas são um dos componentes do conhecimento subjetivo implícito do indivíduo sobre a matemática, seu ensino e sua aprendizagem”. Se têm crenças sobre o ensino da matemática (objeto), aquelas que o sujeito desenvolve sobre esse ensino: a dificuldade de aceitação ou de repúdio a disciplina; o interesse, a curiosidade, a criatividade, a satisfação que envolve confiança e o autoconceito sobre o fracasso ou sucesso, essas crenças estão relacionadas à metacognição e a autoconsciência do sujeito enquanto aluno. Percebe-se então a necessidade de uma atitude frente ao ensino da matemática, tanto do educando como do educador, promovendo estímulos que favoreçam reações positivas em relação aos conteúdos matemáticos.

Segundo Chacón (2003, p. 22):

As crenças matemáticas possuem um caráter marcado pelo cognitivo e referem-se ao modo de utilizar capacidades gerais, como a flexibilidade de pensamento, a abertura da mente, o espírito reflexivo e crítico, a objetividade, entre outros, importantes para devida prática da disciplina em matemática.

Ao educador cabe refletir proporcionando atividades em que o aprendente tenha capacidade de fazer, tenha curiosidade e interesse e pesquisar, criar, para modificar seu comportamento frente a disciplina, autonomia intelectual para enfrentar situações desconhecidas e confiança em sua capacidade de aprender e resolver problemas matemáticos.

Para aprender matemática, o aprendente recebe estímulos gerando assim muita tensão, diante disso, ele reage emocionalmente de forma negativa ou positiva, pois esta atitude está associada à crença sobre a matemática e sobre si mesmo, o que pode ou não realizar em matemática. Segundo Chacón (2003) se o objetivo é melhorar o ensino e a aprendizagem da matemática, parece conveniente levar em conta os fatores afetivos dos alunos e dos professores. As emoções, atitudes e crenças atuam como forças para potencializar o conhecimento aprendido.

2.3 TRANSTORNO DA FLUÊNCIA GAGUEIRA

Segundo pesquisas retiradas do portal da educação, a capacidade de se comunicar de forma eficiente, ou seja, sendo entendido por seu interlocutor com fluência e eficácia, é fundamental para uma autoestima saudável. Assim quando algo compromete sua habilidade de comunicação é natural que ocorram sintomas como estresse e ansiedade, comprometendo ainda mais a fluência da fala deste indivíduo (SÁ, 2012).

Quando nos deparamos com situações que de alguma forma diferem daquilo com o que estamos habituados, comumente taxamos isto como sendo uma alteração. Mas aqui fica minha pergunta, podemos chamar de gago alguém que, como se diz popularmente, "tropeça" nas palavras? Estudos revelam que aproximadamente 80% das pessoas apresentam algum grau de gagueira. Com estes dados em mãos vamos, a partir daqui passar a chamar a tão temida e conhecida gagueira de disfluência, nome hoje comumente utilizado para se caracterizar indivíduos que apresentam algum tipo de alteração na fluência de sua fala (SÁ, 2012).

Tal nomenclatura não deve ser aplicada, nos casos de gagueira propriamente dita. Durante o processo de desenvolvimento de fala, por volta dos 3 anos de idade a criança pode apresentar algum tipo de disfluência. Normal nesta fase onde a criança está estruturando sua linguagem, a disfluência não deve ser vista com negligência nem tampouco deve ser supervalorizada, para que se possa distingui-la da gagueira do desenvolvimento (FREIRE; PASSOS, 2012).

Em termos de linguagem existe uma importante diferença entre disfluência e gagueira do desenvolvimento. Crianças que apresentam alterações na emissão de letras (fonemas) e sílabas, particularmente nas primeiras letras ou sílabas tendem a desenvolver gagueira, enquanto que crianças que apresentam disfluência, podem

cometê-la em palavras ou frases inteiras e até mesmo disfluir sem gaguejar (FRIEDMAN, 2004).

Sá (2012) elenca algumas das características apresentadas na gagueira do desenvolvimento em contraponto à disfluência:

1. O primeiro quesito diz respeito à frequência da disfluência que ocorre em maior número na criança com gagueira do desenvolvimento;
2. A gagueira e a disfluência aparecem em semelhantes faixas etárias;
3. Outra diferença é quanto à evolução, que nos casos de gagueira do desenvolvimento as ocorrências podem agravar-se, redimir espontaneamente ou assumir um quadro intermitente quando cessam temporariamente voltando em outro momento. Nas disfluências a tendência é de que elas vão sendo amenizadas até desaparecerem;
4. Na gagueira, temos um componente involuntário, onde não depende da vontade da criança em gaguejar, enquanto na disfluência pode haver um certo grau de controle;
5. Nas crianças que gaguejam observa-se tensão muscular podendo ser facial e/ou corporal e movimentos corporais associados à gagueira, tais movimentos podem agravar-se com o tempo o desenvolvimento da gagueira. Já nas crianças com disfluência, tal processo não é observado;
6. A impaciência com sua dificuldade de falar e a dificuldade em manter contato visual com o interlocutor é comum em crianças que apresentam gagueira do desenvolvimento, algumas até desistem de falar;
7. A falta de coordenação entre fala e respiração também é comum nas crianças com gagueira do desenvolvimento, o que não ocorre nas crianças disfluentes, que mesmo nos momentos em que esta ocorre apresentam uma respiração normal e regular.

Na manifestação de tais sintomas é imprescindível que se procure um fonoaudiólogo, o profissional que saberá qual conduta assumir, a fim de que se faça um correto diagnóstico de uma disfluência comum da infância ou gagueira do desenvolvimento para que a criança possa ser devidamente tratada o mais precocemente possível.

3 METODOLOGIA

O Estágio Clínico surgiu da Prática Supervisionada do Curso de Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica da Faculdade Católica de Anápolis. Para atender a demanda do referido curso, no sentido de instrumentar teórica e metodologicamente seus estagiários realizando Avaliação Diagnóstica com crianças ou jovens que apresentam dificuldades de aprendizagem ou problemas de vínculo com o objeto de aprendizagem e a instituição escolar.

Foi realizado no período de 04 de junho a 18 de setembro de 2019 em uma instituição de ensino da Rede Estadual de Anápolis. Os atendimentos ocorreram em uma sala de biblioteca e sala do AEE, em duas sessões semanais de 50 minutos cada.

O adolescente indicado para se submeter à Avaliação Diagnóstica foi o aluno V.R de 15 anos, cursando o 9º Ano do Ensino Fundamental II no turno vespertino, em uma escola da Rede Estadual da cidade de Anápolis/GO. O adolescente foi encaminhado pela coordenadora do AEE, por apresentar dificuldades de concentração e se distrair com facilidade, é ansioso, apresenta dificuldade na aprendizagem da matemática e não aceita a professora de apoio, por vergonha dela.

Segundo Amaral (2007), discutir sobre afetividade na sala de aula envolve uma reflexão acerca deste termo como uma condição de relacionamento entre professor e aluno. Esta reflexão nos instiga a entender a afetividade como um estado psicológico do ser humano que pode sofrer modificações a partir das situações cotidianas, por isso é flexível, ponderável e subjetiva.

O atendimento a esse adolescente foi realizado com autorização dos pais, no período de 04/06 a 18/09, sob a orientação de uma professora Supervisora de Estágio.

Para realizar a Avaliação Psicopedagógica foi coletado um conjunto de dados composto pelas observações e aplicação de provas e testes, como: Observação de Campo, Entrevistas (com pais e professores), EOCA, Anamnese, Provas Projetivas, Provas Operatórias e Provas Pedagógicas.

As entrevistas com os pais e professores da escola, foram compostas por perguntas semiabertas e questionário de marcações com o intuito de compreender melhor a vivência e história de vida do aprendente, sua história escolar e apresentar a

proposta da avaliação psicopedagógica a ser trabalhada com o adolescente durante o atendimento ao responsável.

Segundo Sampaio (2010), a anamnese é uma das peças fundamentais do quebra-cabeça que é o diagnóstico, pois através dele serão avaliadas informações do passado e do presente do sujeito, juntamente com tudo o que existe em seu meio.

A anamnese foi feita para investigar a história de vida do adolescente desde a sua gestação. Foi feito um questionário de perguntas para o responsável responder dando todas as informações necessárias desde o nascimento até o momento atual.

De acordo com Visca (2013), o que nos interessa na observação da EOCA, são “seus conhecimentos, destrezas, atitudes, mecanismos de defesa, ansiedades, áreas de expressão da conduta, níveis de operabilidade, mobilidade horizontal e vertical etc.”

Através da EOCA, é possível avaliar as reações de condutas do aprendente seus conhecimentos, atitudes, destrezas, mecanismos de defesa e ansiedades, e, assim identificar sua modalidade de aprendizagem.

De acordo com Sampaio (2010), os testes sugeridos, a seguir, partiram da necessidade de uma avaliação mais ampla sobre o sujeito avaliado, para melhor conhecê-lo, conseguir mais dados para possivelmente fazer uma intervenção.

As Provas Projetivas têm o objetivo de analisar os desenhos vinculando-os a situações de aprendizagem.

As Provas Operatórias: Determinar o grau de aquisição de algumas noções-chaves do desenvolvimento cognitivo.

As Provas Pedagógicas: Avaliar a escrita, leitura, produção textual e raciocínio e conhecimento lógico matemático do estudante.

A análise dos resultados das observações, provas e testes possibilitarão aos profissionais que trabalham com o adolescente, fazer os encaminhamentos necessários para sanar ou minimizar suas dificuldades para que consiga vencer os obstáculos e ajustar-se à vida escolar, no acesso à construção do conhecimento.

4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

V.R.S.M, nascido em 31/05/2004, com 15 anos, é filho adotivo. Sua mãe, falecida, desde que o aprendente ainda era bebê, foi morar com os tios que são os pais adotivos do mesmo. Os pais sempre preocupados com o comportamento afetivo de V.R por não demonstrar sentimentos de afeto, gostar de se isolar e também por apresentar dificuldades na disciplina de matemática. Relatos estes feitos pelo tio (pai adotivo), e acrescenta que o aprendente piorou com o passar dos anos o seu relacionamento com as pessoas, às vezes fugindo de casa sem motivos deixando todos preocupados, voltando depois como se nada tivesse acontecido. A escola também relata que V.R, apresenta dificuldades de relacionar-se com os outros, tanto professores como colegas de sala e apresenta muita dificuldade na disciplina de matemática não conseguindo acompanhar a turma. Não aceita a professora de apoio insistindo em dizer que não precisa, mas o mesmo apresenta laudo de hipótese de diagnóstico: Funcionamento Intelectual Limítrofe, Transtorno da Fluência CID.F80.1, necessitando do acompanhamento em sala.

Na observação de campo foi possível perceber as dificuldades encontradas pelo aprendente através das entrevistas e provas aplicadas.

De acordo com Fuzzi (2010) a pesquisa de campo é resultado de uma observação dos acontecimentos exatamente como ocorrem no real, coleta de dados referente à observação e análise e interpretação dos dados, tendo como base uma fundamentação teórica sólida.

Foram utilizados como instrumentos a entrevista com o responsável para colher as informações iniciais sobre o estudante e a conversa formal com a pessoa responsável para explicar como serão os procedimentos.

Segundo Sampaio (2010), ao realizar a entrevista contratual, é necessário passar as informações devidas para a família, explicando os objetivos da mesma e se os responsáveis concordam com a participação do estudante na realização do trabalho a ser desenvolvido.

Neste primeiro encontro devemos fazer com que os pais sintam-se protegidos, acolhidos, pois se perceberem uma boa escuta, não crítica, terão o espaço de confiança necessário e terapêutico. O psicopedagogo não julga se foram bons pais, e sim vai favorecer a expressão, criando um clima de afetividade e compreensão. Ainda que os pais procurem ajuda, é previsível que apareçam obstáculos e resistência a nossa ação. Vamos encontrar ocultamento, engano, sedução e desautorização em relação a nós, justamente para evitar que contatemos com o que nos foi ocultado,

enganado, seduzido ou desautorizado. Tais atitudes devem ser tomadas como elementos que vão servir para poder entender o problema de aprendizagem da criança e não nos deixar atingir pela agressão que elas contêm. (FERNANDEZ, 2001, p. 145-146)

Na primeira sessão foi feita a entrevista com o responsável composta por questões semiabertas, permitindo que o responsável pudesse expor as respostas de forma bem subjetiva de forma que ao fazer a leitura ficasse mais fácil a compreensão da vivência do aprendente. Na entrevista o tio demonstrou grande interesse e conseguiu compreender e aceitar a proposta do trabalho a ser desenvolvida.

Em seguida foi aplicada com o adolescente a Entrevista Operativa Centrada na aprendizagem (EOCA).

4.1 ENTREVISTA OPERATIVA CENTRADA NA APRENDIZAGEM - EOCA

De acordo com Visca (1987, p. 73), o que nos interessa observar na EOCA são: "...seus conhecimentos, atitudes, destrezas, mecanismos de defesa, ansiedades, áreas de expressão da conduta, níveis de operatividade, mobilidade horizontal e vertical etc."

Foi aplicada a EOCA com o aprendente V.R, de início ficou tímido, inibido, mas logo demonstrou interesse nas perguntas, respondendo todas. Fala pouco, apenas o que foi perguntado, mostrou ansioso quanto as perguntas querendo responder rapidamente. Relatou que não gosta da disciplina de Matemática, pois tem muitos números e acaba se confundindo. Gosta mesmo é da disciplina de Geografia, pois adora desenhar os mapas e estudar as coisas da vida.

Em seguida utilizou os materiais que estavam em cima da mesa para fazer o que se pede na consigna: Rapidamente pegou os papéis coloridos e numa rapidez começou a cortar e montar origamis de estrelas coloridas. Notou-se que tem uma grande facilidade em trabalhos manuais.

Foi pedido para fazer um desenho, então pegou uma folha branca e começou a desenhar uma estrada.

Utilizou-se um livro que estava em cima da mesa para leitura no qual consegue ler perfeitamente, mas não demonstrou interesse, pois era uma história infantil.

O resultado obtido na aplicação da EOCA, mostrou que o estudante desenvolveu as atividades com empenho, embora falasse pouco apresentando gagueiras, se mostrando nervoso nas respostas. Havia em cima da mesa papéis.

Iniciou fazendo um desenho na folha em branco, em seguida relatou o que havia desenhado. Ao término do desenho, pegou algumas folhas coloridas e fez estrelas de origamis, o estudante mostrou facilidade para atividades artísticas, relatou que adora trabalhos manuais, mas tem vergonha de fazê-los porque acha infantil. Foi observado a presença da modalidade de aprendizagem hipoacomodativa, apresenta dificuldade de estabelecer vínculos afetivos. Embora explorasse os objetos à sua volta, tem muita dificuldade de demonstrar seus sentimentos em relação aos outros e a si mesmo. Se encontra no nível de escrita, alfabético.

Levantou-se assim, o primeiro sistema de hipótese. Na dimensão afetiva o aprendente apresentou dificuldades de comunicação, de expressar seus sentimentos, desconfiança, insegurança e autoestima negativa; na dimensão funcional apresentou dificuldade em matemática, gagueira, diagnosticado com transtorno da fluência-gagueira F80.1; na dimensão cognitiva demonstrou imaturidade, impulsividade, é muito ansioso e na dimensão cultural apresenta conflito familiar por parte do aprendente o mesmo se isola dos familiares. Após, traçou-se uma linha de investigação através da aplicação de testes, provas e entrevistas.

4.2 PROVAS PROJETIVAS

Segundo Escott e Argenti (2001), dentro da clínica o desenho enquanto representação simbólica e cognitiva, é de grande importância como instrumento de investigação pois é através dele que a criança demonstra uma relação com o conhecimento tanto em termos cognitivos como afetivos. É importante ressaltar que as técnicas projetivas realizadas através do desenho diferem das provas utilizadas pelos psicólogos, porque o foco de análise está sempre vinculado a situações de aprendizagem.

A prova projetiva está ligada a um olhar, escuta e leitura psicopedagógica do terapeuta.

Weiss (2003, p. 118) diz que:

Nas provas projetivas, o que se busca é descobrir como o sujeito usa seus próprios recursos cognitivos a serviço da expressão de suas emoções, ante os estímulos apresentados pelo terapeuta. O fundamental é a "leitura psicopedagógica" dessas situações e produtos, para assim detectar o que está empobrecendo a aprendizagem ou a produção escolar.

Foi aplicada a prova projetiva Par Educativo, com o aprendente utilizando apenas papel e lápis.

Na prova projetiva Par Educativo, fez um desenho da escola, utilizou criatividade, sem mostrar interesse. O tamanho do desenho é de dimensão razoável, a posição do quadro demonstra um bom vínculo de aprendizagem e desejo de aprender. Desenhou o ensinante, demonstrando vínculo positivo de aprendizagem.

Na prova projetiva, Eu e meus colegas, V.R desenhou muito bem todos os colegas que gosta da sala de aula, falou sobre cada um deles. Tem uma enorme facilidade para desenhar, embora fizesse todos os seus colegas com as mãos para trás demonstrando ausência de proximidade, circulou cada colega e apenas se desenhou no final. Quando citou sobre os colegas os pontos negativos que todos fazem bagunça apontou apenas dos outros demonstrando que ele em momento algum apresenta o comportamento irregular.

Na prova projetiva “Os quatro momentos do dia”, o estudante chegou bem motivado, trouxe um presente construído por ele. Um bonequinho de EVA que movimenta um braço e coloca a língua para fora, conforme relatado por ele é um personagem de desenho infantil que ele costumava assistir quando criança. Tem muitas habilidades manuais e também com eletrônicos.

Em seguida, iniciou-se a sessão. Foram colocados sobre a mesa papéis brancos e lápis. Pedi para que o estudante desenhasse quatro momentos do seu dia. Ele questionou no início, que o desenho seria algo infantil e não gostaria de fazê-lo, mas de repente resolveu e começou a desenhar. Terminou rapidamente como de costume. Desenhou um quadrado em 4 espaços. O primeiro a hora do almoço, no outro espaço indo para a escola no terceiro jogando no computador e o quarto momento, dormindo.

Na próxima folha o estudante fez o desenho da sua casa. Pediu uma régua e desenhou cada cômodo dando os nomes devidos.

Foi observado que o estudante não se incluiu no desenho que fez dos quatro momentos do dia, representou apenas objetos e os cômodos. O mesmo não aparecia no desenho. Não colocou o momento do café da manhã. O aprendente acorda muito tarde, portanto sua primeira refeição é o almoço. Embora utilizou pouco o uso da escrita V.R relatou cada momento, mas não demonstrou muito interesse. Aparentemente não há muito diálogo com seus familiares e nem circulação de conhecimento. No desenho da planta da casa, V.R apenas fez as separações

utilizando a régua e escreveu os respectivos nomes nas divisões da casa. Foi observado que o estudante não deixou nenhuma abertura nos cômodos da casa indicando que os sinais de comunicação reais ou imaginários não estão presentes. O mesmo relatou que sempre fica no computador ou celular utilizando os jogos eletrônicos no quarto.

Na prova projetiva Família Educativa, o estudante chegou bem desconfiado, pois havia faltado a aula na mesma semana dizendo aos pais que havia ido para escola, mas foi passear no centro da cidade. Envergonhado do acontecimento chegou se desculpando por não ir na escola dizendo que realmente mentiu para os familiares porque queria passear. Deixei na mesa algumas folhas e pedi para desenhar. Sabia que o momento seria propício para observar os vínculos familiares, no qual o estudante desenha muito bem, mesmo sempre deixando claro que não gosta de desenhar por ser algo muito infantil. Comecei pedindo para fazer um desenho sobre a família, cada um fazendo aquilo que sabe fazer. V.R, desenhou um carro e dentro seus pais juntamente com ele fazendo uma viagem. Através do desenho e relatos do estudante, observou-se a necessidade do estudante fazer passeios com a família. Demonstrou interesse ao relatar a viagem dizendo ir ao encontro do irmão de criação (relatado pelo estudante) que se diz padrinho, não deu mais detalhes, pois o mesmo não comenta sobre a família, só quando questionado com resposta curtas e imediatas.

OBS: Embora o estudante fale pouco dos familiares, através da entrevista com o responsável as informações passadas é que os pais tentam manter um diálogo saudável e o estudante que se fecha para a comunicação familiar.

Na dimensão afetiva as provas projetivas foram recursos importantes que, de forma simbólica através do desenho, V.R projetou os seus sentimentos em relação a sua vinculação com o objeto de conhecimento, com a figura do ensinante, consigo mesmo e com seus pares. São vínculos frágeis que não oferecem condições propícias a uma mobilização de seus recursos afetivos na busca pelo conhecimento formal.

Levantou-se a segunda hipótese na dimensão afetiva que V.R se sente excluído, tenta chamar atenção, e ao mesmo tempo se isola das pessoas que fazem parte do seu convívio diário.

Na dimensão afetiva as provas projetivas foram recursos importantes que, de forma simbólica através do desenho, V.R projetou os seus sentimentos em relação a

sua vinculação com o objeto de conhecimento, com a figura do ensinante, consigo mesmo e com seus pares.

4.3 PROVAS PEDAGÓGICAS

Para Weiss (2003), os testes e provas são relacionados de acordo com a necessidade surgida em função de hipóteses levantadas nas sessões familiares, nas atividades lúdicas etc., quando alguns aspectos não ficam claros e exigem um aprofundamento por outros caminhos, em pouco tempo.

Na dimensão funcional, na área pedagógica (escrita, leitura, conhecimentos lógicos matemático) foram aplicados os seguintes testes: Ditado de palavras e frases, redação (utilização de uma charge para interpretar).

Através do ditado e frases, foi observado que o estudante não apresenta dificuldades quanto a erros ortográficos, porém precisa melhorar a qualidade da escrita. O mesmo é canhoto escreve as palavras pegando no lápis ou caneta ao contrário do convencional, utiliza letras minúsculas no início das frases, embora isso seja bastante comum nos adolescentes de sua idade. Foi feita a produção textual através de uma charge, o estudante levou poucos minutos para interpretá-la escreveu rapidamente, sua compreensão foi muito rápida e a escrita também. Sempre muito calado e desconfiado, estava contando os minutos para terminar, parecia envergonhado.

Nota-se que o estudante não quer se sentir diferente dos outros alunos, mesmo sabendo que precisa de acompanhamento do AEE e professora de apoio no turno em que estuda.

No ditado de palavras e frases: O estudante V.R, errou apenas dois acentos em todas as palavras e frases que foram ditadas, mas a sua escrita é muito ilegível, escreve rapidamente dificultando a leitura. As frases foram começadas com letras minúsculas. O estudante tem uma memória auditiva boa, conseguiu registrar as frases que foram ditadas.

Na produção textual, o estudante interpretou a charge em poucos minutos e resumiu bastante a sua explicação. Não demonstrando interesse em argumentar e analisar as gravuras. O estudante já é alfabetizado. Consegue escrever e produzir textos sua leitura é satisfatória.

Já na prova pedagógica de raciocínio lógico o aprendente apresentou grandes dificuldades de raciocínio lógico. A queixa da família e escola e do próprio aprendente é que ele não consegue acompanhar os alunos no conteúdo de matemática.

Foi aplicada uma atividade de resolução de problemas. Segundo Weiss (2012, p. 99)

Quando a queixa é de dificuldade geral na aprendizagem, ou específica na Matemática, há necessidade de avaliar com mais detalhes essa área específica. Alguns aspectos se destacam: o raciocínio matemático, o cálculo, a leitura de problemas e questões. É possível uma discalculia.

Entreguei a prova pedagógica de matemática: (Problemas). O estudante relata que tem muita dificuldade na disciplina e que não gosta. O mesmo não teve paciência para responder nem quis fazer as contas no papel. Rapidamente pegou o lápis e respondeu não interpretando corretamente os problemas. V.R, resolveu com muita rapidez os problemas não fazendo a leitura dos mesmos, portanto houve erros de cálculos devido a pressa em responder para terminar as atividades. Não faz a devida compreensão da leitura, mesmo sendo pedido para o estudante ler com calma.

As provas pedagógicas revelaram que o aprendente não apresentou dificuldade de leitura, precisa melhorar a letra, mas a dificuldade encontrada é na disciplina de matemática onde exige um conhecimento lógico matemático de base assegurado e o aluno não consegue se concentrar para fazer as atividades que exercem muita calma e atenção, fica ansioso, realiza a atividade rapidamente para se ver livre dela e não aceita ajuda, talvez por vergonha de mostrar sua dificuldade.

4.4 PROVAS OPERATÓRIAS

Na área cognitiva, foram aplicadas algumas provas operatórias: seriação de palitos, conservação de massas, Espaço unidimensional bidimensional e tridimensional.

Todas essas provas foram aplicadas em dias diferentes respeitando o tempo determinado para o período de estagio feito na escola com o aprendente. As Provas Operatórias objetivam descobrir o desenvolvimento cognitivo, detectando o nível de pensamento da criança, o nível de estrutura cognitiva com que opera no momento presente.

Utilizou-se ainda, jogos que envolveram raciocínio lógico, estratégia, planejamento e antecipação para investigar a dimensão cognitiva.

De acordo com Weiss (2012, p. 79) “Por ser o jogo inerente ao homem, e por revelar sua personalidade integral de forma espontânea, é que se pode obter dados específicos e diferenciados em relação ao modelo de aprendizagem do paciente”.

Weiss (2012, p. 103):

Os testes e as provas são selecionados com a necessidade surgida em função de hipóteses levantadas nas sessões familiares, as atividades lúdicas etc.... quando alguns aspectos não ficam claros e exigem um aprofundamento por outros caminhos, em pouco tempo.

O estudante demonstrou interesse em jogar pega varetas, relatou que gosta muito de jogos. Quando estava jogando não tinha paciência para esperar a sua vez. Através das atividades desenvolvidas percebe-se que o estudante é ansioso, demonstra gagueira em muitos momentos. Para perguntas que exige uma resposta de maior conteúdo, o mesmo gagueja constantemente. Demonstrou raciocínio e lógica ao jogar o pega varetas. Tem noção de números e quantidades, precisou de intervenção quando estávamos jogando, porque se fazia de desentendido querendo pontuar mais pontos que o devido para ganhar o jogo, mostrando com isso intolerância à frustração com tentativa de burlar regras ao seu favor.

4.4.1 Aplicação da seriação de palitos

O estudante V.R estava bem desanimado disse que não precisava mais de ir as aulas do AEE nem queria professora de apoio, ficamos alguns minutos conversando sobre a importância dos educadores para melhorar a aprendizagem dele e a importância do estágio que será necessário para verificarmos uma melhor forma de ajudá-lo sua aprendizagem com atenção e conhecimento. Entreguei os palitos e começamos a sessão.

O estudante colocou os palitos do maior para o menor acertando a série em quatro minutos. Demonstrou rapidez e raciocínio rápido. Todos os palitos deitados sobre a mesa na posição correta.

Retirei um palito, porém o aluno não conseguiu identificar a ausência. Mostrei o palito que faltava e o mesmo colocou no lugar correto.

Por último entreguei os palitos desorganizados e pedi para que o estudante me entregasse na ordem. Sem que ele visse onde seriam colocados. V.R acertou a ordem até o sétimo palito. Depois os restantes foram colocados em lugares diferentes

da ordem normal, não conseguindo conservar todos os palitos na posição correta nesta última etapa.

Através da aplicação foi observado que na primeira etapa da seriação a descoberto: O estudante conseguiu colocar todos os palitos em ordem correta do menor para maior. Acertou a seriação. A segunda etapa da seriação da verificação da exclusão, foi pedido para o estudante fechar os olhos, foi retirado um bastonete e quando abriu os olhos, o mesmo não percebeu sua ausência. Na terceira etapa, seriação oculta atrás de anteparo: O estudante conseguiu apenas acertar os primeiros bastonetes deixando os outros fora da escala normal. Resultado: Operatório concreto, nível 2.

Segundo Visca (2013) a aplicação das provas operatórias tem como objetivo determinar o nível de pensamento do sujeito realizando uma análise quantitativa, reconhecer as diferenças funcionais realizando um estudo predominante qualitativo.

4.4.2 Testes operatórios de dimensões

Foram aplicados também todos os testes operatórios de dimensões. Segundo Rosamarina Alvarez (2011, p. 63), no livro *Avaliação Psicopedagógica do Adolescente*, sobre as provas de diagnóstico operatório diz que:

Estas provas têm por finalidade avaliar o nível de pensamento alcançado pelo sujeito e suas características funcionais. Sabemos que na adolescência surge o pensamento formal ou hipotético dedutivo, o qual começa a se construir por volta dos 11-12 anos. Uma vez atingido, a aprendizagem pode se realizar através de abstrações e na forma verbal, podendo desligar-se do concreto.

Para as provas operatórias foram utilizados cubos pequenos, anteparos, varetas e tiras de papel, lápis, folhas brancas borracha, régua, barbante, caixas iguais, bolinhas pequenas, tiras de papel cartolina. Assim que o estudante chegou havia sobre a mesa os materiais necessários para a aplicação da prova operatória, Espaço unidimensional: materiais utilizados: oito cubos medindo 6 cm de lado, dezesseis cubos pequenos de 3 cm, um anteparo, uma base de 5 cm de altura, uma varinha de 60 cm, varetas e tiras de papel. A prova teve o objetivo de investigar as condutas de medida do sujeito em relação a uma dimensão. O aprendente fez uma torre utilizando todos os comandos dados e materiais que estavam sobre a mesa. Concluiu-se nível operatório concreto 3.

Na prova Espaço bidimensional, o aluno utilizou folhas brancas lisas, lápis preto, borracha, uma régua, um pedaço de barbante e uma vara de 10 cm. O objetivo era investigar a capacidade de localizar um ponto em função de duas dimensões.

O ensinante fez um ponto numa folha branca e o aluno utilizou todos os materiais para aproximar do ponto do ensinante sem colocar a folha em cima da outra. Na terceira tentativa o aluno conseguiu aproximar do ponto do ensinante. Demonstrou nível 3 operatório concreto.

Na prova do “Espaço Tridimensional, o aluno reconheceu os materiais que estavam sobre a mesa. Duas caixas iguais com fundo de isopor de aproximadamente 20 a 25 cm, dois arames, duas bolinhas pequenas de isopor, tachinhas e três tiras de cartolinas de diferentes tamanhos, uma régua e um lápis. Havia ali uma caixa, um arame com uma bolinha de isopor, foi pedido a seguinte consigna: para que o aluno colocasse a bolinha da mesma forma e no mesmo lugar em que a ensinante tinha colocado a dela. Foi aplicada a prova e o estudante fez a atividade com sucesso. Utilizou as três dimensões com facilidade e utiliza argumentos válidos. Está no nível 3 do pensamento formal (êxito).

Na área orgânica o aprendente não demonstrou nenhuma dificuldade quanto a visão, esquema corporal, até mesmo porque já é um adolescente e seu nível espacial e corporal já estão bem definidos.

Levantou-se a segunda hipótese na dimensão cognitiva que o estudante encontra-se imaturo no desenvolvimento de sua estrutura de pensamento. Possui uma boa audição, tem estratégias quando vai responder as questões dentro da seriação e dimensões tem planejamento e fez as atividades operatórias todas rapidamente. Na maioria das provas o aprendente concluiu com sucesso, estando no nível 3, mas como recusou fazer algumas provas operatórias que fazem parte da seriação, (o adolescente disse que as provas eram para crianças), conclui-se que V.R conseguiu realizar com sucesso estando no nível 2 do pensamento operatório formal. Compreende como um sistema é transformável, observou e analisou para fazer as suas atividades.

Na dimensão cultural foi observado que o aprendente não tem uma boa comunicação em casa com seus familiares nem na escola com os colegas e demais funcionários. V.R tem grande dificuldade de comunicação, apresenta ter conflitos guardados consigo mesmo, pois muitas vezes já se ausentou fugindo de casa e até mesmo da escola, sem motivos aparentes. Levantou-se a hipótese na dimensão

cultural de dificuldade de se comunicar com os outros, insegurança e medo de dialogar.

4.5 ANAMNESE

Para Porto (2011) anamnese é trazer de volta, recordar, memorial, e é realizada através da técnica da entrevista realizada pelo profissional ao seu paciente, objetivando trazer à memória todos os acontecimentos de seu passado, traçando uma relação com a possível causa de seu transtorno.

Depois de todos os testes aplicados foi realizado uma Anamnese, onde o pai compareceu respondendo todas as perguntas nas quais o mesmo sabia a respeito do aprendente., relatou suas queixas e preocupações e nos informou dados importantes da história de vida do adolescente. O pai se mostrou pronto para responder com atenção todas as perguntas querendo realmente contribuir colaborando assim com o estágio feito com o adolescente para tentar compreendê-lo melhor. Durante a Anamnese foi falado do sigilo da entrevista e de todos os dados coletados para o estágio clínico.

Aparentemente por parte do pai e mãe há diálogo familiar, o que não acontece por parte de V.R. Ficou evidente pelo histórico de que não foi criado pela mãe, (falecida) e o mesmo não tem contato com o pai biológico, ele apresenta alguns comportamentos indesejados até mesmo de rejeição. O que foi percebido em todos os momentos das sessões feitas com V. R. Ele próprio se exclui e não quer aproximação de professores e responsáveis para ajudá-lo em nenhuma atividade. Não quer ser diferente, e demonstrar que necessita de acompanhamento escolar.

De acordo com os dados coletados durante a avaliação diagnóstica conclui-se que as dificuldades apresentadas pelo adolescente podem ser decorrentes de obstáculo epistemofílico de ansiedade confusional de caráter afetivo, demonstrados no dia a dia pela dificuldade afetiva e emocional de se comunicar com as pessoas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio clínico veio me proporcionar a oportunidade de conhecer e poder avaliar, contribuir para um olhar sob a perspectiva da psicopedagogia procurando refletir sobre as dificuldades de aprendizagem e emocionais apresentadas pela aprendente V.R. Foi possível também refletir sobre a importância do profissional da psicopedagogia e da família no processo de aprendizagem dos aprendentes.

A vontade em ajudar o aprendente me motivou a pesquisar, estudar os testes e a melhor forma de aplicá-los, foram momentos de grande aprendizado durante o período de aplicações das sessões.

Como se trata de um adolescente, a forma com que o mesmo se conhece a si mesmo e o mundo fez com que avançasse minha leitura no livro “ A Avaliação Psicopedagógica do Adolescente” tentando compreender melhor o adolescente e as situações favoráveis que atinja uma maturidade integrada, feliz e criativa, para si e para a sociedade.

A psicopedagogia é de fundamental importância, pois observa e examina para o processo de desenvolvimento, auxiliando o aprendente em suas dificuldades de aprendizagem, ajudando-o a compreender suas limitações e até mesmo a superá-las, assim, tem colaborado para sua completa formação.

Pode-se detectar por meio da investigação realizada com V.R que o mesmo possui dificuldades de aprendizagem, comprometida por fatores emocionais, tendo grande dificuldade de se relacionar com os colegas e um pouco de instabilidade emocional.

Não se pode afirmar que a não aprendizagem é um problema individual do aluno e de sua família, pois a escola em sua função social tem o dever de procurar formas para um melhor desenvolvimento do processo de aprendizagem de seus aprendentes.

O estágio me proporcionou um momento único de colocar em prática toda a teoria vista em sala de aula. Através do trabalho desenvolvido com V.R pode-se perceber que o psicopedagogo age de forma preventiva e curativa sendo de fundamental importância no ambiente escolar e o quanto a família é essencial para que o aluno se desenvolva de forma completa: intelectual, social e emocionalmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABPp. Associação Brasileira de Psicopedagogia. **Código de ética do psicopedagogo**, 2013. Disponível em: <<http://www.abpp.com.br/codigo-de-etica-dopsicopedagogo>>. Acesso em: 03.fev.2018.

ALVAREZ, R. **Contribuições para o Diagnóstico na Clínica Psicopedagógica**. Avaliação Psicopedagógica do Adolescente. Vera Barros de Oliveira, Nádia Aparecida Bossa (organizadoras). 13. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ALVES, J. A. A.; DANTAS, V. A. O.; OLIVEIRA, M. S. **Influências afetivas no ensino – aprendizagem de matemática**. VI Colóquio internacional: educação e contemporaneidade. Sergipe, 2017. Disponível em: <http://educonse.com.br/2012/eixo_15/PDF/1.pdf>. Acesso em: 19.mar.2018.

AMARAL, V. L. **Psicologia da educação**. Natal, RN: EDUFRN, 2007. 208 p.

BOMBONATTO, Q. Associação Brasileira de Psicopedagogia. **Código de ética do psicopedagogo**. 2008. Disponível em: <<http://www.abppbrasil.com/#!sobre1/ch2k>>. Acesso em: 10.jan.2018.

BOSSA, N. A. **A Psicopedagogia no Brasil**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Artes Médicas Sul, 2000.

BOSSA, N. A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília, 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>>. Acesso em: 13.mar.2018.

CHACÓN, I. M. G. **Matemática emocional: os afetos na aprendizagem matemática**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ESCOTT, C. M.; ARGENTI, P. W. **Psicopedagogia Clínica: Diagnóstico e intervenção**. In: ESCOTT, Clarice Monteiro; ARGENTI, Patrícia W. A formação em psicopedagogia nas abordagens clínica e institucional: uma construção teórico-prática. Novo Hamburgo: Feevale, 2001.

FERNANDEZ, A. **Os Idiomas do Aprendente: Análise de modalidades ensinantes em famílias, escolas e meios de comunicação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FREIRE, R. M.; PASSOS, M. C. P. Gagueira: uma questão discursiva. **Trab. linguist. apl.**, Campinas, v. 51, n. 1, p. 153-173, June 2012. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132012000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20.mar.2018.

FRIEDMAN, S. **Gagueira: origem e tratamento**. 4 ed. São Paulo: Plexus Editora, 2004.

FUZZI, L. P. **Metodologia científica**. 2010. Disponível em: <<http://profludfuzzimetodologia.blogspot.com/2010/04/como-fazer-um-laudocientifico.html>>. Acesso em: 11.jan.2018.

PORTILHO, E. M. L.; PAROLIN, I. C. H.; BARBOSA, L. M. S.; CARLBERG, S. **A instituição que aprende sob o olhar da psicopedagogia**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2018.

PORTO, O. **Psicopedagogia institucional: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

SÁ, M. A. **Gagueira: definindo normalidade e alteração**. 2012. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/fonoaudiologia/gagueira-definindonormalidade-e-alteracao/14487>>. Acesso em: 11.jan.2018.

SAMPAIO, S. **Manual do diagnóstico Psicopedagógico Clínico**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

SKOVSMOSE, O. **Educação Matemática crítica: a questão da democracia**. Campinas: Papirus, 2001. 160p.

VINOCUR, S. **Contribuições para o diagnóstico psicopedagógico na escola**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

VISCA, J. **Clínica Psicopedagógica**. Epistemologia Convergente. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

VISCA, J. **Técnicas Projetivas Psicopedagógicas e Pautas Gráficas para sua Interpretação**. Compiladora: Susana Rozenmacher. 4. ed. Buenos Aires: Visca & Visca, 2013.

VISCA, J. **Técnicas Protetivas psicopedagógica**. Buenos Aires: Edição do autor, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALLON, H. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. 14 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

ANEXOS

ANEXO A - INFORME PSICOPEDAGÓGICO

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS

PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL



IDENTIFICAÇÃO

Nome: V. R.S. M.

Idade: 15 anos

D.N.: 31/05/04

Filiação:

Escola:

Série: 9º ano

PERÍODO DA AVALIAÇÃO

A avaliação ocorreu no período de 04 de junho a 18 de outubro de 2019, total de 13 sessões, sendo 9 sessões com o adolescente, 02 sessões com os pais (Entrevista inicial, Anamnese e Devolutiva) e 02 sessões na escola (Entrevista com a professora e devolutiva).

MOTIVO DA PROCURA:

QUEIXA DOS PAIS: Dificuldade de aprendizagem e convívio social.

QUEIXA DA ESCOLA: A escola relatou que a aluno não consegue acompanhar a turma, se distrai com facilidade, ansioso, dificuldade de concentração, tem grande dificuldade em matemática, não aceita a professora de apoio, se sente envergonhado ao aproximar dela, quer ser tratado como os outros, mas necessita de acompanhamento específico. Não faz as atividades de casa.

INSTRUMENTOS UTILIZADOS: Entrevista com os pais, Entrevista com a professora, Entrevista com a criança, Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (EOCA), Provas Operatórias, Provas Projetivas, Provas Pedagógicas.

ATITUDE EM ATIVIDADE: O estudante fez todas as atividades propostas, em algumas, especialmente as que tem dificuldade, não consegue se concentrar e termina as atividades rapidamente para ficar livre.

DADOS DA ANAMNESE: Segundo relatos da mãe adotiva, consta na avaliação neuropsicológica do estudante que não houve complicações durante a gestação. O estudante V. R, nasceu saudável, porém, ao longo dos primeiros anos de vida, apresentou atrasos relacionados ao desenvolvimento psicomotor e de linguagem (demorou andar e falar as primeiras palavras, com significado dentro do tempo esperado). O estudante vem apresentando, além de um leve comprometimento na fala, grandes dificuldades escolares, principalmente em português e matemática. Segundo relatos do tio, (pai) adotivo, V.R tem dificuldades para se comunicar com as pessoas, faz acompanhamento psicológico, médico e psiquiátrico no CAPS, para desenvolver a socialização, desenvolvimento e ocupação. Não faz amizades prefere estar sozinho, tem dificuldade de se adaptar ao meio. É considerado pelo pai, um adolescente desligado. Seu ponto de vista emocional é de indiferença frente as realidades vividas. Não demonstra sentimentos de prazer, são raros os momentos em que o estudante se interessa por algo. Tem um comportamento bom, de carinho com os pais. E quando encontra com o irmão tem uma amizade legal. Quando contrariado reage de forma agitada. Suas atividades preferidas são fazer personagens de EVA dos desenhos favoritos, gosta de dança japonesa e no Caps gosta de culinária e música.

SÍNTESE DA AVALIAÇÃO:

DIMENSÃO SOCIOAFETIVA: O aprendente mostrou-se ansioso, inseguro, dependente, introspectivo. Fez as atividades com rapidez para ficar livre das mesmas. Se sente envergonhado quando os colegas estão por perto, não quer demonstrar a necessidade de apoio. As Provas Projetivas revelaram que V.R tem a dificuldade de se relacionar, de ser aceito pelos colegas e professores, portanto chama a atenção fazendo gracinhas. Mostrou vínculo negativo com a figura do ensinante, com seus pares, consigo mesmo e com sua família. Demonstrou também descontrole e falta de limites em algumas provas aplicadas através da leitura dos desenhos. O estudante apresenta dificuldade de socialização é muito calado em outros momentos quer chamar a atenção dos colegas fazendo gracinhas para todos rirem. Apresenta distanciamento das pessoas. Foi restrito ao falar do desenho entre ensinante e

aprendente, apenas relatou o aluno aprendente e o professor ensinando. Mais uma vez, demonstrou sentir-se rejeitado ao desenhar quem “ ensina de costas para quem aprende. “ Não falou nada sobre os professores apenas que são bons. Em relação as provas com os familiares, houve ausência de comunicação. O estudante fala muito pouco da família. Ao desenhar os quatro momentos do dia, o estudante tem sequência lógica dos momentos, mas não conseguiu deixar claro o que realmente faz durante o dia em relação ao vínculo familiar. Fez um desenho como não estivesse pertencendo no momento, apenas uma história contada. A escolha foi automática demonstrando uma vida monótona e sem criatividade. Ao desenhar família educativa relatou um momento de viagem no qual a pessoa principal seria o padrinho (irmão), que não faz parte do convívio familiar pois mora distante, mas que o estudante aparenta gostar.

DIMENSÃO FUNCIONAL: (corporal, orgânica e pedagógica)

ÁREA CORPORAL: O aprendente apresenta um bom esquema corporal, tem coordenação motora boa, necessita de uma melhora significativa na letra. Pega diferente no lápis embora seja canhoto, escreva as palavras começando do lado inverso de cima para baixo.

ÁREA ORGÂNICA: Não apresentou problemas relacionados, aparentemente, mas no relato da família, o adolescente, na sua primeira infância, demorou para falar e apresentou desenvolvimento psicomotor lento.

VERBALIZAÇÃO: Percebeu-se em alguns momentos dificuldades na fala, apresentando gagueiras, inibição e insegurança ao falar e expressar suas ideias.

LINGUAGEM ORAL: Apresenta uma leitura satisfatória com capacidade de compreensão.

LINGUAGEM ESCRITA: O aprendente já é alfabetizado, mas a escrita ortográfica e produção textual, necessita de melhoras, em alguns momentos, falta o uso de letra maiúscula no começo das frases, sinais de pontuação e acentuação de palavras.

MODALIDADE DA APRENDIZAGEM: O aprendente apresenta a modalidade de hiperacomodação, falta de iniciativa e obediência as normas dentro da aprendizagem.

CONHECIMENTO E RACIOCÍNIO LÓGICO MATEMÁTICO: Apresenta dificuldades no raciocínio matemático, não tem paciência para resolver frações e operar com números que exigem mais atenção.

DIMENSÃO COGNITIVA: As Provas Operatórias mostraram que o aprendente está no nível 3, Operatório formal, ou seja as respostas demonstram aquisição da noção, sem vacilação.

DIMENSÃO SÓCIO CULTURAL: Não mantém contato com os pais biológicos, vive com os tios que chama de pais. Os tios demonstram cuidado com o estudante, embora não foi observado o mesmo carinho por ele em relação aos pais.

HIPÓTESE DIAGNÓSTICA:

O aprendente é um adolescente introvertido, desconfiado e inseguro. As dificuldades que apresenta são decorrentes de obstáculo Epistemofílico de caráter afetivo, determinadas pelo tipo de vínculo afetivo que estabelece com as situações de aprendizagem. São vínculos inadequados com o objeto de conhecimento, com a figura do ensinante e com seus pares, decorrentes de uma ansiedade dissociada que gera condutas defensivas.

No momento, o estudante apresenta dificuldade para o aprendizado com relação ao raciocínio lógico, áreas da exatas, que exige o desenvolvimento de um estilo de aprender mais consolidado e o seu, desenvolveu-se de forma mais superficial. Possivelmente estas dificuldades decorrem dos aspectos emocionais ligados ao fato de a ausência dos pais biológicos, isto porque o não aprender pode ter relação com um problema familiar, por exemplo, num caso de não conseguir bom desempenho em matemática a partir dessa separação, rementendo a questão de não conseguir somar, subtrair dividir etc...

SUGESTÕES E ENCAMINHAMENTOS:

AO ADOLESCENTE:

Recomenda-se:

- Continuar o acompanhamento psicopedagógico, quando se dará no processo terapêutico, continuidade às investigações necessárias acerca da hipótese levantada.

- Continuar com o acompanhamento psicológico (Questões de socialização e seu núcleo familiar, ansiedade dissociada e condutas defensivas diante da dificuldade).
- Avaliação Fonoaudiológica (para investigar a fala comprometida, gagueira).
- Apoio pedagógico para trabalhar conteúdos básicos em defasagem (fora da escola, se possível).

À ESCOLA:

- Compreensão diferenciada dos seus professores para a superação da conduta defensiva do aprendente.
- Professor de apoio em casa.
- Todas as provas flexibilizadas para melhor compreensão do aprendente sem que necessite da ajuda do professor de apoio.
- Trabalhar a autoestima do estudante delegando funções onde se ache importante perante seus colegas e professores da escola.

À FAMÍLIA:

- Diálogo sobre a convivência familiar para trabalhar autoestima do aprendente.
- Apropriar daquilo que o estudante gosta para se aproximar do mesmo.
- Passeios diurnos nos finais de semana para aproximação dos membros familiares.

Sem mais para o momento, colocamo-nos à disposição para esclarecimentos necessários.

Estagiário(a):

Orientador(a):

ANEXO B - DECLARAÇÃO**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS**

PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL

**DECLARAÇÃO**

Declaro para os devidos fins que

É aluno (a) do Curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Faculdade Católica de Anápolis e atendendo ao que dispõe a Lei 9.394/96 (LDB) o mesmo (a) estará realizando Estágio Supervisionado, totalizando carga horária de 100 horas.

Anápolis, _____ de _____ de 2019

Assinatura

ANEXO C - ENCAMINHAMENTO**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS**

PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL

**Estágio Supervisionado em Psicopedagogia Clínica**

Estamos encaminhando o (a) aluno (a) _____
nascido (a) em ____/____/_____, regularmente matriculado (a) _____ série
estando em processo de avaliação psicopedagógica e necessita de:

Hipótese Diagnóstica:

Observações:

Anápolis, _____ de _____ de 2019

Psicopedagoga – Supervisora de Estágio
Clínico de Psicopedagogia

Estagiária Pós-graduação em
Pedagogia

ANEXO D - TERMO DE CONSENTIMENTO

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS

PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Profissional: Pedagoga-Psicóloga-Psicopedagoga

Estagiário (a): _____

Eu, _____

aceito participar do Processo de atendimento Psicopedagógico, cujo objetivo central é o de atender o participante oferecendo acompanhamento psicopedagógico e intervenções Psicopedagógicas.

Estou ciente de que terei atendimento psicopedagógico durante as sessões submetendo-me a atividades de testes, entrevistas e observações por parte do estagiário de psicopedagogia.

Reconheço que tenho o direito de fazer perguntas que julgar necessárias.

Entendo que minha participação é voluntária e que poderei me retirar do processo a qualquer momento.

Os profissionais se comprometem a manter em confidências toda e qualquer informação que possa me identificar individualmente quando da apresentação de resultados deste trabalho as pessoas interessadas.

Anápolis, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do participante

Assinatura do Profissional Responsável

Assinatura do Aluno Responsável

ANEXO E - CONTROLE DE FREQUENCIA

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS PSCOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL



Estágio Supervisionado em Psicopedagogia Clínica

DISTRIBUIÇÃO DA CARGA HORÁRIA – 2019

| Data | Atividades Desenvolvidas | Nº de Horas |
|-------------|---|--------------------|
| 04/06 | Início das sessões escola entrevista com o responsável e EOCA | 2 horas |
| 11/06 | Sessão na escola com o aprendente | 2 horas |
| 14/06 | Sessão na escola com o aprendente | 2 horas |
| 16/08 | Observação de campo, entrevista com a professora | 4 horas |
| 17/08 | Iniciar relatórios | 8 horas |
| 18/08 | Digitação dos relatórios | 8 horas |
| 27/08 | Aplicação na escola –provas pedagógicas e operatórias | 3 horas |
| 28/08 | Digitação de relatórios | 8 horas |
| 03/09 | Entrevista com o aluno | 2 horas |
| 04/09 | Continuação dos relatórios | 6 horas |
| 11/09 | Aplicação das provas projetivas (desenhos) | 3 horas |
| 14/09 | Aplicação de provas operatórias | 2 horas |
| 18/09 | Sessão da Anamnese | 2 horas |
| 19/09 | Leitura para estudo | 2 horas |
| 20/09 | Leitura para estudo | 2 horas |
| 19/10 | Orientação na faculdade | 4 horas |
| 20/19 | Leitura e digitação do TCC | 8 horas |
| 21/10 | Leitura e digitação do TCC | 8 horas |
| 22/10 | Leitura e digitação do TCC | 8 horas |

| | | |
|-------|--|--------------|
| 23/10 | Elaboração do TCC | 8 horas |
| 28/10 | Elaboração final do TCC e organização da pasta | 4 horas |
| 07/10 | Elaboração final do TCC e organização da pasta | 4 horas |
| | Total de Horas | 100 h |

Anápolis, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do participante

Assinatura do Profissional Responsável

ANEXO F - FICHA DE FREQUENCIA

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL



Estágio de aperfeiçoamento profissional PSICOPEDAGOGIA

Controle da frequência do aluno nas atividades de campo

1. IDENTIFICAÇÃO DO ESTÁGIO

| | |
|--------------------------------|--|
| ESTÁGIO PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA | |
|--------------------------------|--|

Campo de estágio

| |
|--|
| |
|--|

Nome do professor-supervisor

| |
|--|
| |
|--|

Nome do profissional de campo

| |
|--|
| |
|--|

Nome da estagiária

| |
|--|
| |
|--|

2.FREQUÊNCIA NAS ATIVIDADES DE CAMPO

| Data | Carga horária | Atividade desenvolvida | Assinatura |
|------|---------------|------------------------|------------|
| | | | |
| | | | |
| | | | |

ANEXO G - TERMO DE COMPROMISSO DO ESTAGIÁRIO**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS**
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL**TERMO DE COMPROMISSO DO ESTAGIÁRIO**

Eu, _____

Aluno (a) de Pós-Graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Faculdade Católica de Anápolis, Turma XIV Anápolis-Goiás, assumo compromisso da realização em Estágio Supervisionado junto a Católica de Anápolis ao cumprimento que dispõe a Lei 9.394/96 (LDB) totalizando a carga horária de 100 horas, no período de _____ (descontando-se o período de férias - julho). Ciente de tratar-se de prática curricular obrigatória como garantia à certificação, e que o não cumprimento do mencionado estágio no prazo estabelecido implicará em minha reprovação.

Anápolis, ____ de _____ de 2019.

Assinatura:

CPF.:

R.G.:

ANEXO H – OBSERVAÇÃO DE CAMPO

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS

PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL



Curso de Pós-Graduação em PSICOPEDAGOGIA
Estágio Supervisionado

Observação de campo

Observação na Instituição – Roteiro

1ª ETAPA – ENTREVISTA

1- IDENTIFICAÇÃO

Nome da instituição: _____

Endereço: _____

Pessoa responsável: _____

Cargo que ocupa: _____

2 - OBJETIVOS DA INSTITUIÇÃO:

3 - HORÁRIOS DE ATENDIMENTO:

Período matutino: das _____ às _____

Período vespertino: das _____ às _____

4 - UNIVERSO ESTUDANTIL:

Quantidade de alunos:

Período matutino: (_____) – Faixa etária: _____

Período vespertino: (_____) – Faixa etária: _____

Total: _____ alunos

Sexo: _____ (Predominância) _____

Nível sócio-econômico-cultural: _____

Regime de atendimento – (por turnos/ internato/ semi-internato). Etc.

5 - ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA INSTITUIÇÃO:

Hierarquia administrativa: _____

Hierarquia do pessoal técnico: _____

2ª ETAPA: ESTRUTURA FÍSICA

Tipos de dependências: _____

Salas de aulas: _____

Número e tamanho: _____

Estado de conservação/ limpeza/ ventilação e iluminação: _____

Pátio de recreação/ brinquedos: _____

Banheiros: _____

Sala de aula do aprendiz em estudo: _____

3ª ETAPA: ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Os alunos: _____

Os professores e equipe: _____

Os pais: _____

A comunidade: _____

Os alunos com problemas de aprendizagem: _____

OUTRAS INFORMAÇÕES COLETADAS:

Assinaturas:

Diretoria ou Responsável

Estagiário (a):

ANEXO I - EOCA

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS

PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL



Curso de Pós-Graduação em PSICOPEDAGOGIA

Estágio Supervisionado

EOCA (Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem)

Nome: _____

Idade: _____

Gostaria que você mostrasse o que sabe fazer, o que te ensinaram e o que aprendeu...

Escolaridade do aluno: _____

Alguma repetência? () sim () não Qual? _____

Disciplina favorita? _____

Por quê? _____

Desde quando? _____

Disciplina que não gosta? _____

Por quê? _____

Desde quando? _____

Disciplina (s) indiferente (s) _____

Sempre foram essas? () sim () não

Por quê? _____

O que deseja fazer quando crescer? _____

Por quê? _____

Como foi sua entrada na escola atual? _____

Teve outras? () sim () não Como foi? _____

Você sabe por que está aqui comigo hoje? () sim () não

O que achou da ideia? _____

Você quer estar aqui ou veio porque sua mãe, o colégio ou o seu professor o obrigou?

Eles têm razão? () sim () não

Se pudesse e tivesse que fazer algo para um aluno que se parecesse com você em sala de aula, o que aconselharia, a fazerem:

Aos pais: _____

Aos professores: _____

Você gosta de:

Use este material, se precisar para mostrar-me o que você sabe a respeito do que sabe fazer, do que lhe ensinaram e o que aprendeu. Desenhe, escreva, faça alguma coisa que lhe venha à cabeça.

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Marque as questões observadas. Em **relação à temática:**

- fala muito durante todo o tempo da sessão
- fala pouco durante todo o tempo da sessão
- verbaliza bem as palavras
- expressa com facilidade
- apresenta dificuldades para se expressar verbalmente
- fala de suas ideias, vontades e desejos
- mostra-se retraído para se expor
- sua fala tem lógica e sequência de fatos
- parece viver num mundo de fantasias
- tem consciência do que é real e do que é imaginário
- conversa com o terapeuta sem constrangimento Observação:

Em relação à dinâmica (consiste em tudo que o cliente faz)

- o tom de voz é baixo
- o tom de voz é alto
- sabe usar o tom de voz adequadamente
- gesticula muito para falar
- não consegue ficar assentado
- tem atenção e concentração
- anda o tempo todo
- muda de lugar e troca de materiais constantemente
- pensa antes de criar ou montar algo

- apresenta baixa tolerância à frustração
 - diante de dificuldades desiste fácil
 - tem persistência e paciência
 - realiza as atividades com capricho
 - mostra-se desorganizado e descuidado
 - possui hábitos de higiene e zelo com os materiais
 - sabe usar os materiais disponíveis, conhece a utilidade de cada um
 - ao pegar os materiais, devolve no lugar depois de usá-los
 - não guarda o material que usou
 - apresenta iniciativa
 - ocupa todo o espaço disponível
 - possui boa postura corporal
 - deixa cair objetos que pega
 - faz brincadeiras simbólicas
 - expressa sentimentos nas brincadeiras
 - leitura adequada à escolaridade
 - interpretação de texto adequada à escolaridade faz cálculos () escrita adequada à escolar
- Observação:
-

Em relação ao produto (é o que o sujeito deixa registrado no papel)

- desenha e depois escreve
- escreve primeiro e depois desenha
- apresenta os seus desenhos com forma e compreensão
- não consegue contar ou falar sobre os seus desenhos e escrita
- se nega a descrever sua produção para o terapeuta
- sente prazer ao terminar sua atividade e mostrar
- demonstra insatisfação com os seus feitos
- sente-se capaz para executar o que foi proposto
- sente-se incapaz para executar o que foi proposto
- os desenhos estão no nível da idade do entrevistado
- prefere matérias que lhe possibilite construir, montar criar'
- fica preso no papel e lápis
- executa a atividade com tranquilidade

() demonstra agressividade de alguma forma em seus desenhos e suas criações ou no comportamento

() é criativo(a) Observação:

Conclusão:

Anápolis, _____ de _____ de 2019.

ANEXO J - ANAMNESE

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS

PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL



Curso de Pós-Graduação em PSICOPEDAGOGIA

Estágio Supervisionado

ANAMNESE

DADOS PESSOAIS

Nome: _____ idade: _____ anos

Tem apelido? () S () N Qual? _____ Ele (a) gosta? () S () N

Porque tem esse apelido? _____

Nascimento ____/____/____ Sexo () M () F Naturalidade: _____

End. _____

Bairro: _____ Cidade: _____ CEP _____

Fones para contato: _____

Escola: _____ Série que cursa: _____

End. _____

Fone: _____ Contato: _____

Profª _____

Horário _____

Pai: _____ Idade: _____

Estudou até _____ Teve Dificuldade? () S () N / Se formou? () S () N

Profissão _____

Mãe: _____ Idade: _____

Estudou até _____ Teve Dificuldade? () S () N / Se formou? () S () N

Profissão _____

Irmãos: (nome e idade)

Esquema Familiar: _____

QUEIXA

Na escola _____

Indicado por _____

Em que acha que o profissional poderá ajudá-lo (a)? _____

HISTÓRIA DE VIDA

CONCEPÇÃO:

Filho (a) desejado (a) () sim () não Você queria engravidar? () sim () não

Foi acidental? () sim () não

Perturbou a vida do casal ou de um dos pais? () sim () não

Como foi a gestação? (Cuidados pré-natais, doenças, sintomas, alimentação)

Como foi o parto? (Sofrimento fetal, má oxigenação, lesões)

AMAMENTAÇÃO: (defasagens, acidentes de percurso, assimilação/acomodação, carga afetiva)

- Mamou no peito? () sim () não

-Como foi a passagem do peito para a mamadeira? _____

E para a papinha? _____

Hoje tem hora para comer () sim () não Come depressa () sim () não

Mastiga bem () sim () não Comem juntos () sim () não

Come vendo TV () sim () não

ELIMINAÇÃO

Com que idade parou de usar fraldas? _____

Como foi a passagem para o troninho (segurava? Molhava a roupa? Brincava e saía correndo era repreendido? Chorava?)

Como eram as fezes ? () líquida () pastosa () ressecada () normal

EVOLUÇÃO PSICOMOTORA

Ficou no cercadinho () sim () não Engatinhou () sim () não _____

Com que idade andou? _____ Caía muito () sim () não

Quem ensinou a andar? _____

Como aprendeu a andar? _____

Mostrava-se corajoso (a) ao subir uma escada? () sim () não

Era corajoso ao explorar, engatinhando, um novo espaço? () sim () não

Era inseguro (a)? () sim () não

Com quem andava melhor? _____

Como evoluiu a coordenação dos movimentos finos (segurar um brinquedo, uma colher, rabiscos que fazia) _____

E dos grandes músculos? (Chutar uma bola, correr)

HOJE

É estabonado (a)? () sim () não Nada? () sim () não É agitado(a)? () sim () não

Anda de patins? () sim () não Anda de bicicleta sem rodinha ? () sim () não Anda a cavalo?

() sim () não Sobe em árvores ? () sim () não

FALA

Com que idade começou a falar? _____. Com quem falava mais? _____

Falava (m) para ele (a) repetir? () sim () não

Quais foram às primeiras palavras? _____

Trocava letras? () sim () não Quais? _____

Falava muito errado? () sim () não

HOJE:

Troca letras? () sim () não

Fala muito / pouco (ansioso) () sim () não

Fala de uma forma que todos entendem? () sim () não

Dê um exemplo de como ele (a) fala _____

Consegue dar um recado? () sim () não

Faz uma compra sozinho (a)? () sim () não

Como conta uma história / um caso / uma novela? () sim () não

Dê um exemplo: _____

Você entende o que ele (a) conta? () sim () não

Tem começo, meio e fim? () sim () não

SONO

É agitado? () sim () não É sonâmbulo? () sim () não Tem pesadelos? () sim () não

Dorme só ou acompanhado? _____. Com quantas pessoas? _____

Quando acorda vai para a cama dos pais? () sim () não

Tem medo de dormir sozinho? () sim () não Enurese noturna? () sim () não

HISTÓRIA CLÍNICA:

Ocorreram:

Bronquite? () sim () não Alergia? () sim () não Asma? () sim () não

Viroses infantis? () sim () não Internações ? () sim () não Cirurgias ? () sim () não

Outras doenças:

Tratamentos realizados (fonoaudiólogo, psicólogo...) () sim () não

Qual? _____

Problemas de visão? () sim () não Audição? () sim () não

Problemas psicossomáticos (verificar os possíveis deslocamentos e a eventual relação com a não aprendizagem)

HISTÓRIA DA FAMÍLIA NUCLEAR:

Fatos marcantes dos pais e irmãos (antes, durante e depois da entrada do paciente na família)

ESTIMULAÇÃO:

A criança tem acesso a:

Brinquedos pedagógicos? () sim () não Jogos? () sim () não

Revistas? Livros? () sim () não Brinquedos eletrônicos ? () sim () não De que atividades ele (a) participa:

Música? () sim () não Dança? () sim () não Esporte ? () sim () não

Qual? _____

SITUAÇÕES NEGATIVAS VIVENCIADAS PELA CRIANÇA (através de alterações familiares) nascimento de irmãos () sim () não mudanças () sim () não

Mortes () sim () não De quem? _____

Desempregos () sim () não

Separações () sim () não

HISTÓRIA DA FAMÍLIA AMPLIADA

Família: Passado, Presente, Interferências, Ligações, Quadros Patológicos

Forma de Disciplina: _____

Atitude dos pais diante da falta de limite do filho (a): _____

Como a criança reage? _____

Tem alguém que a protege? () sim () não Quem? _____

É muito censurada? () sim () não Relaciona-se bem com:

o pai () sim () não a mãe () sim () não os irmãos () sim () não

Os pais sabem ler e escrever? () sim () não

Quem o auxilia na lição de casa? _____

Problema que a família está passando no momento: _____

Como é o ambiente de brincadeira no dia a dia? Quais brincadeiras? _____

Qual prefere? _____

Como se relaciona com os colegas? _____

É líder? () sim () não Chora nas brincadeiras? () sim () não

Qual o programa preferido na TV? _____

Assunto ou lazer que interessa à criança: _____

HISTÓRIA ESCOLAR: (considerar: entrada precoce ou tardia na escola, trocas, constantes de escolas, como se processou a alfabetização, dificuldades da mãe para lidar com as exigências escolares)

Frequentou creches? () sim () não

Quando entrou para a escola (idade): _____

Por que? _____

Quem escolheu a escola? _____

Como foi essa escolha? _____

Caso tenha havido mudança, por que mudou? _____

Repetiu ano? () sim () não Por que? _____

Houve problema com professor (es)? () sim () não

Qual? _____

Como é a atitude em sala de aula? _____

Falta muito à escola? () sim () não

Por que? _____

Faz reforço? () sim () não Ele gosta do reforço? () sim () não

O que você acha da escola? (Há uma abertura, um diálogo? Ou é tradicional?)

FINALIZANDO:

O que você mais gosta nesse (a) filho (a)? _____

O que você não gosta nele (a)? _____

Observações:

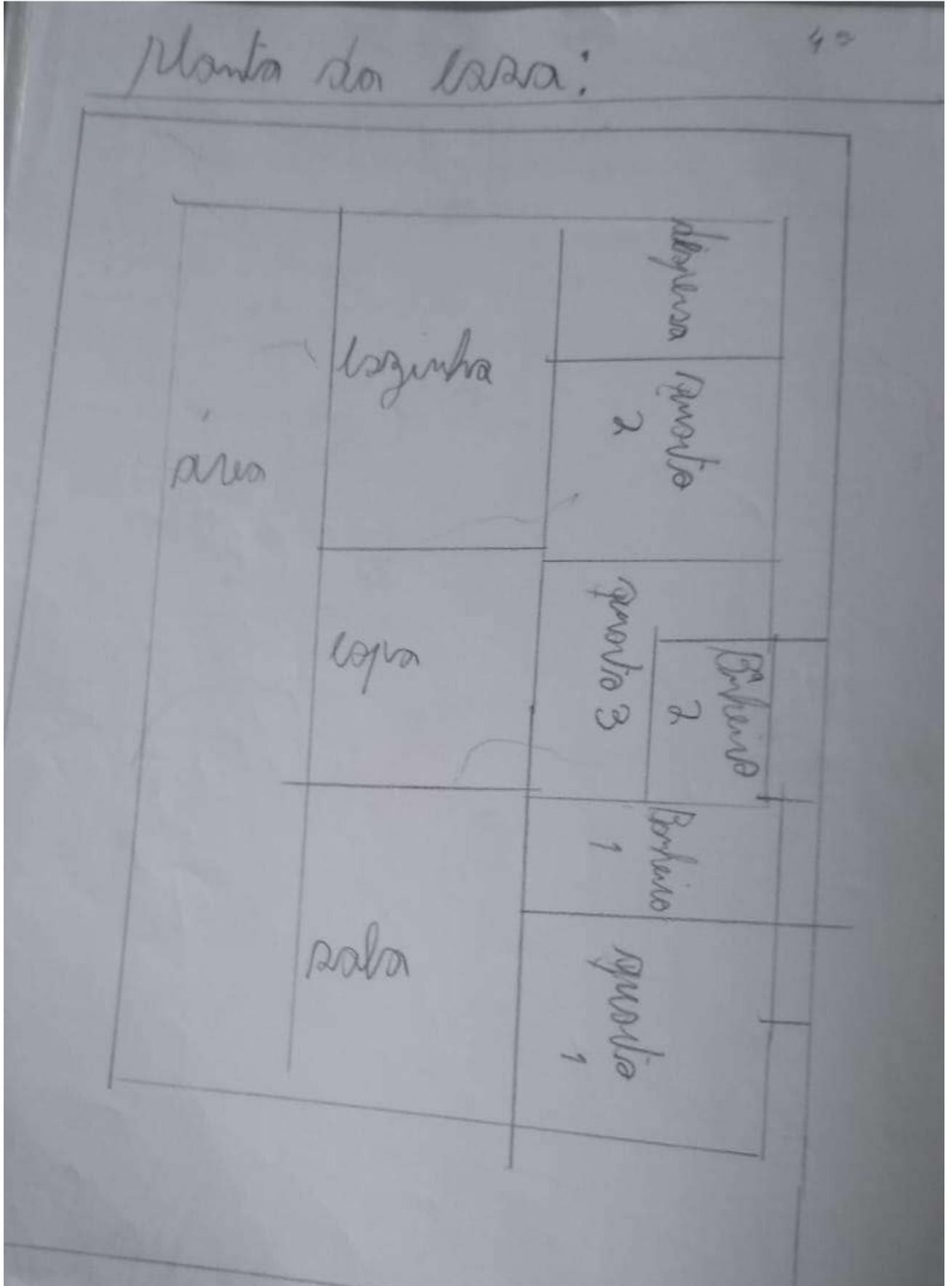
Encaminhamento:

() psicólogo () neurologista () fonoaudiologista
() oftalmologista () otorrino () pediatra () outros:

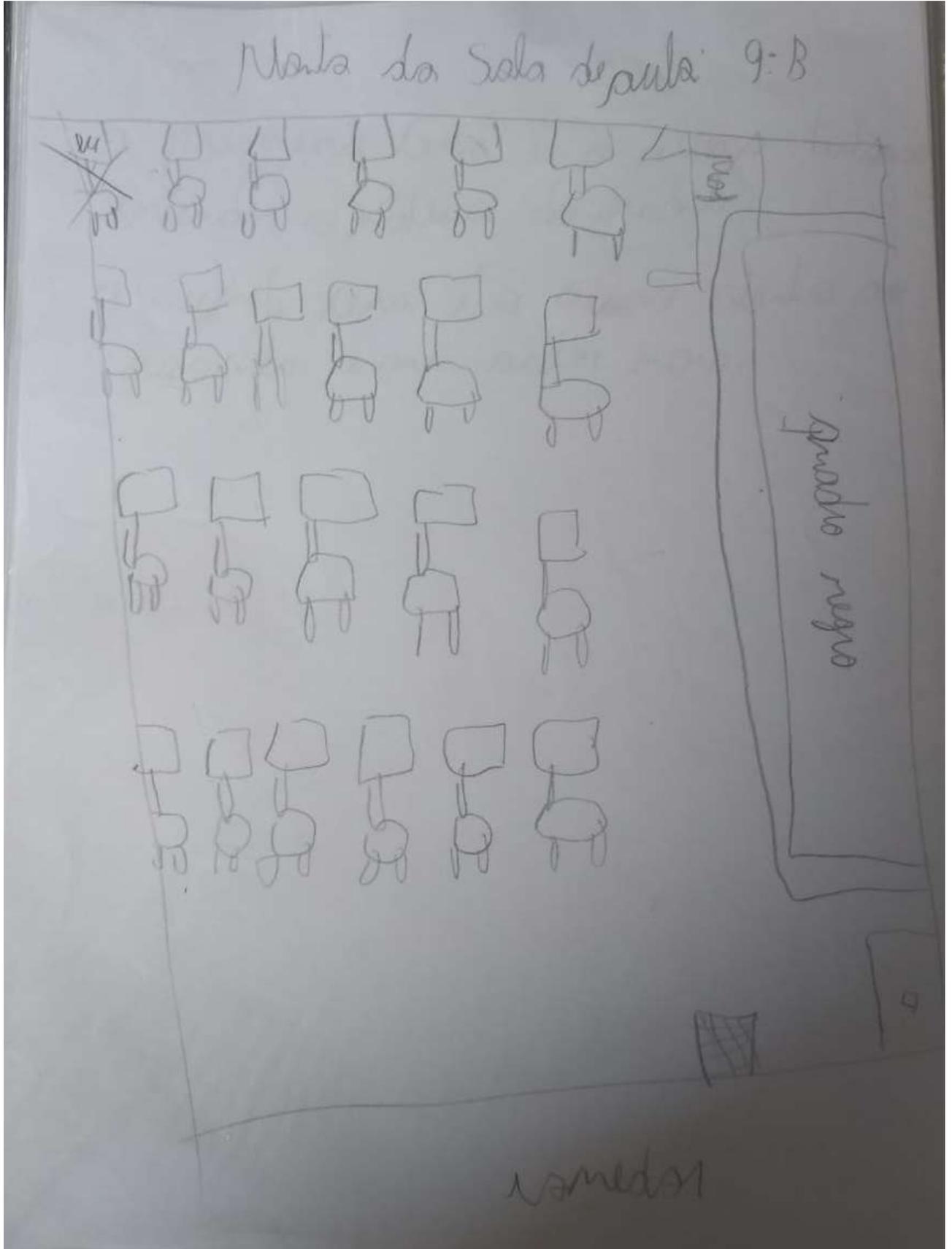
ANEXO K – PROVA BIDIMENSIONAL



ANEXO L – PROVA PROJETIVA – PLANTA DA CASA



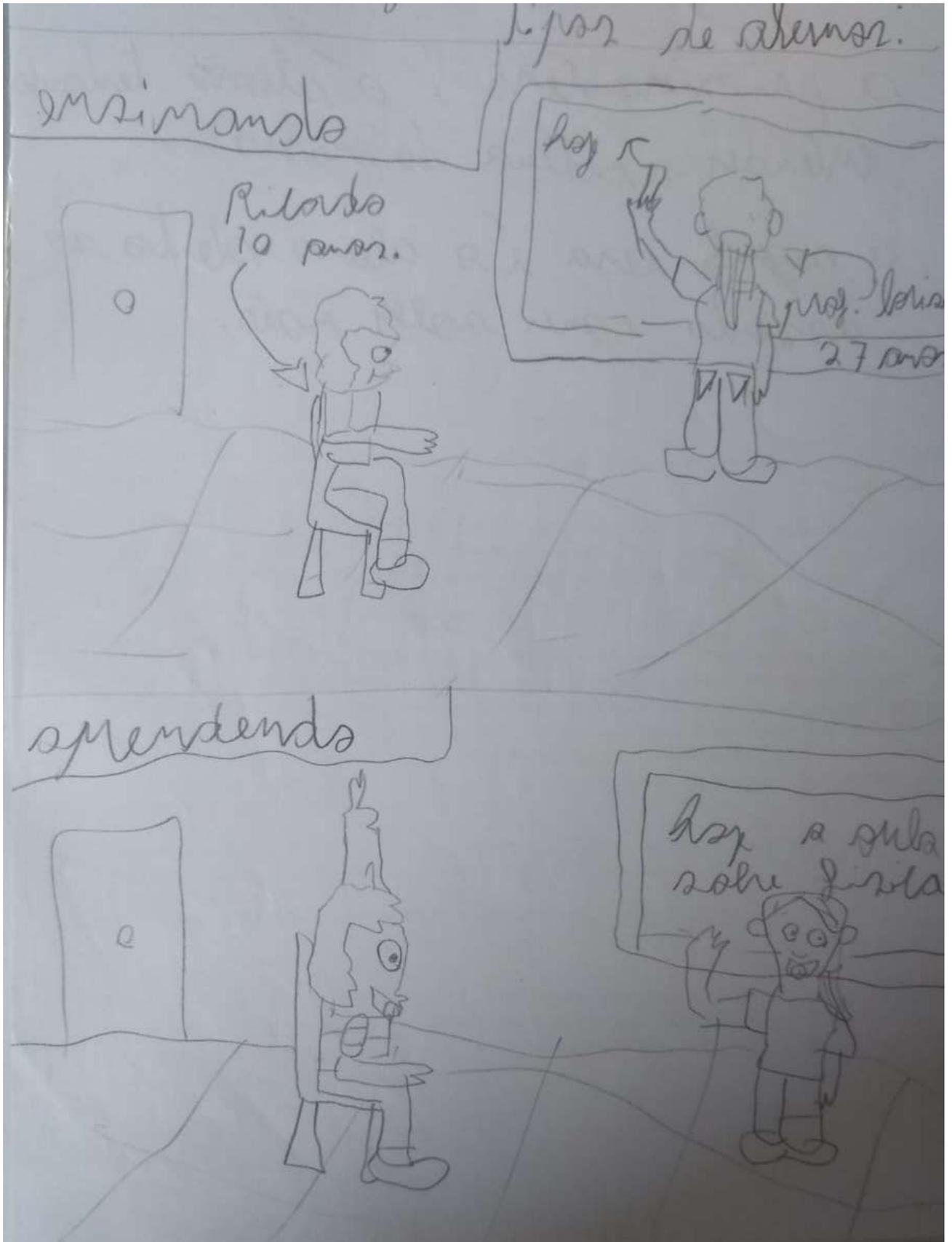
ANEXO M – PLANTA DA SALA DE AULA



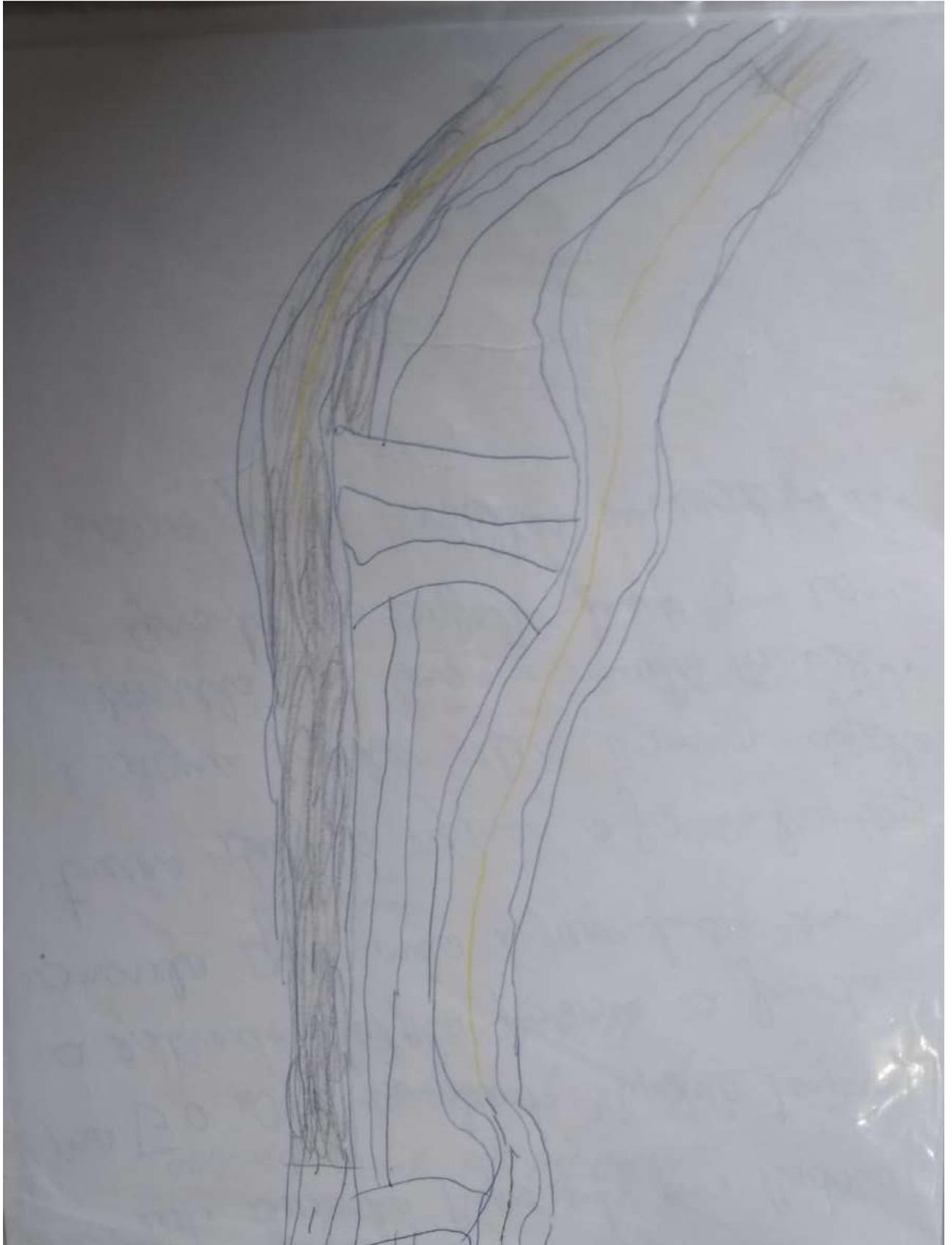
ANEXO N – PAR EDUCATIVO – EU E MEUS COLEGAS



ANEXO O – ENSINANDO E APRENDENDO



ANEXO P – DESENHO LIVRE



ANEXO Q – FAMÍLIA EDUCATIVA

